

## **CURSO DE DANÇA DA UNICRUZ: DISPARADOR DE DEMANDAS DE FORMAÇÃO SUPERIOR EM DANÇA NO RIO GRANDE DO SUL**

**Dra.CARMEN ANITA HOFFMANN<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>*Centro de Artes/Universidade Federal de Pelotas – [carminhalese@yahoo.com.br](mailto:carminhalese@yahoo.com.br)*

**Dra.MARIA CRISTINA DOS SANTOS<sup>2</sup>**

<sup>2</sup>*Orientadora – PUCRS – [mcstita@pucrs.br](mailto:mcstita@pucrs.br)*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente estudo objetivou analisar e compreender o percurso institucional do Curso de Dança–Licenciatura Plena, da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ (1998-2010). Após serem examinados os pressupostos teóricos da pesquisa, as questões metodológicas que sinalizam o caminho percorrido e a apresentação dos sujeitos da pesquisa, que foram os entrevistados: ex-alunos, ex-professores e pessoas que se envolveram diretamente nas ações e atividades do mesmo, nortearam-se os passos da pesquisa.

Partiu-se da ideia de retomar os caminhos da dança no Rio Grande do Sul, buscando identificar as diferentes fases da dança no Estado, esta configurada como um campo ainda pouco explorado no âmbito acadêmico, em abordagens como a história cultural ou a micro-história. Assim, para assumir o status que permite constituir-se em alvo de reflexão, é preciso compreender como a dança passou a ser cúmplice do ser humano em sua trajetória histórica. Buscou-se, também, refletir sobre os aspectos legais e formação superior em dança, se apresentando como um suporte para a compreensão da trajetória da dança no Brasil, especialmente no período que passa de uma condição amadorística para um contexto de profissionalização e trata da caracterização do ambiente acadêmico em que foi implantado, por sua vez, o Curso de Dança na Universidade de Cruz Alta. Ao descrever a trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ, buscou-se, em um primeiro momento, compreender o contexto histórico do município de Cruz Alta e o movimento de dança nele desenvolvido. Posteriormente, desenvolveu-se a trajetória do Curso, desde a sua emergência e implantação; seu reconhecimento e protagonismo; e seu processo de descontinuidade e desdobramentos.

### **2. METODOLOGIA**

Sob o ponto de vista metodológico, este estudo teve por objetivo analisar o percurso institucional do Curso de Dança da UNICRUZ (1998-2010), desde a formatação do seu Projeto Político-Pedagógico por suas fundadoras aos discursos de seus protagonistas no período da sua descontinuidade. Caracterizada como qualitativa, a pesquisa tomou como balizadores, em sua construção metodológica, as abordagens da história oral, através de entrevistas semiestruturadas de seus atores e protagonistas, considerados os mais significativos ao processo de análise da memória individual e memória coletiva.

Nessas fontes se utilizou o princípio indiciário de Carlo Ginzburg (1990), pelo qual se procura entender o contexto, o surgimento do Curso, a partir das singularidades que funcionam como indicações para o conhecimento de novas realidades, que não são de senso comum ou tradicionais.

Para expressar a importância da instalação do primeiro curso superior de dança do Rio Grande do Sul se buscou os narradores que emprestaram suas

vozes para serem utilizadas neste estudo. Eles foram capazes de recompor, pela sua evocação, as memórias sobre as experiências vividas, revisitando os espaços/tempos em que participaram do, e, no Curso de Dança da UNICRUZ. Houve a autorização e a apresentação nominal, procurando explicar a relação deles com a dança e com o Curso.

Para sua sustentabilidade pesquisou-se em pressupostos teóricos, as reflexões necessárias acerca dos sentidos da história e sobre a memória enquanto construção social. Tomando como ponto de partida os pressupostos da memória coletiva e suas imbricações com a memória individual, o estudo historiografou a trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ, pioneiro no Estado, contribuindo com seu registro, os estudos em dança, não só no Rio Grande do Sul, mas no país.

Ao estabelecer o contraponto entre a memória individual e a memória coletiva, Halbwachs diz que

A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e ideias que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72).

A sua curta existência – 13 anos –, instigou a necessidade de registro memorial do Curso pois, certamente o condenaria ao esquecimento, uma vez que seus protagonistas (professores e alunos) não estão mais em Cruz Alta ou na UNICRUZ: não estão mais juntos, estão dispersos e dificilmente formarão um grupo. Assim, toda a vivência construída entre professores e alunos estabeleceu relações dialógicas, quer elas tenham ocorrido através de novos conhecimentos, de advertências, de repreensões ou de elogios etc., quer criando um conjunto de lembranças capaz de reconstruir, *a posteriori*, diante de um instigamento através da memória coletiva, novos pressupostos que identifiquem e reconstruam, mesmo que de forma fragmentada, aspectos relacionados ao passado.

A história e a memória confundem-se sendo, muitas vezes, quase que indissociáveis, mas Portelli alerta para o fato de que “[...] a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador” (2010, p. 19). Mesmo que a memória difira da história, uma vez que tem no protagonista seu foco principal, é este quem dá voz a própria história, pois que vivenciou os episódios como principal ator.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as colocações dos entrevistados e retomando, de certa forma, o roteiro das entrevistas realizadas, pretendeu-se tecer e entrecruzar os fatos que constituem a memória do Curso de Dança da UNICRUZ, tarefa complexa por ser uma análise qualitativa, portanto caracterizada como um processo intuitivo e, também, pelo processo de transcrição da oralidade para a escrita.

É pertinente colocar que a formação de profissionais para a docência em dança nem sempre se deu pela Universidade; inicialmente ocorre fora dela. A Universidade, tardiamente recupera essas experiências que nascem fora do seu ambiente e, aí, cabe lembrar, da formação em dança no Rio Grande do Sul que data da década de 1920, iniciada no Instituto de Cultura Física em Porto Alegre, porém essa formação era basicamente prática, não-sistematizada.

Nas considerações tecidas pelos entrevistados, com relação ao fechamento do Curso de Dança, denota-se um sentimento profundo de perda. Porém, considerando a inexistência de demanda, bem como a abertura de outros cursos de ensino público em diferentes regiões do Estado, o entendimento hoje remete à sensação de que o Curso de Dança da UNICRUZ cumpriu o seu papel de “ponte de ligação” entre um passado informal e a perspectiva de um futuro “ideal”. Deter o olhar na trajetória do ensino da dança na UNICRUZ, estimula à reflexão do fazer político-pedagógico, bem como projetar as novas possibilidades e os desafios a serem enfrentados no atual contexto da formação superior em dança e suas qualificações específicas.

#### 4. CONCLUSÕES

O Curso seguiu uma trajetória de acordo com as condições em que se desenvolveu. Trabalhar com o Curso de Dança significou trabalhar com as rupturas e as discontinuidades, percebidas na análise da trajetória do mesmo, que buscava estimular uma visão sensível e crítica de mundo, estando ligada aos estudos da história da cultura, das artes, das instituições e da memória.

Ao tecer as considerações finais, fica a sensação de ter que dar o desfecho do Curso que abriu os caminhos para a formação profissional em dança no Estado e, inúmeros sentimentos se apoderam nesse momento, pois o envolvimento, a entrega e a obstinação eram constantes e serviam de motivação para buscar a qualidade do mesmo que ficou como referência para os demais.

Escrever sobre dança é instigante e, por se tratar de um sistema complexo e, mais especificamente, abordar questões que envolvem a formação em dança, é um desafio permanente. Ainda se está no início da produção de fontes e registros; se busca construí-la através de alguns rastros concretos deixados e de outros tantos subjetivos. E, assim, se vai compondo por pistas, entrecruzando e amarrando fatos, movimentos, sentimentos, imagens e percepções.

Considerou-se que os resultados apresentados foram significativos e, também, desafiantes para o entendimento dos caminhos percorridos pelo Curso de Dança da UNICRUZ, ensejando uma constante discussão sobre a formação superior em dança no Rio Grande do Sul, pois tudo poderá ser retomado, criticado e aprofundado – este certamente é o resultado mais gratificante quando se pensa e se está no ambiente acadêmico.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINNSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- AQUINO, Dulce. Dança e Universidade: desafio à vista. In: **Lições de Dança 3**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2001.
- BOURCIER, Paul. **História da dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CUNHA, Morgada & FRANCK Cecy. **Dança: nossos artífices**. P. Alegre: Movimento, 2004.
- DANTAS, Mônica. **Dança: o enigma do movimento**. P. Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- NORA, Sigrid. **Frestas da Memória: a dança cênica em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2013.
- PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- STRAZZACAPPA, Márcia. A dança e a formação do artista. In: **Entre a Arte e a Docência: a formação do artista da dança**. STRAZZACAPPA, M. & MORANDI, C. (orgs.). 4ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.